



COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: <https://coloquio.gulbenkian.pt>

[Recensão crítica a 'Correspondência Familiar', de Almeida Garrett]

Helena Carvalhão Buescu

Para citar este documento / To cite this document:

Helena Carvalhão Buescu, "[Recensão crítica a 'Correspondência Familiar', de Almeida Garrett]", *Colóquio/Letras*, n.º 182, Jan. 2013, p. 261-264.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

ra, ainda, outros documentos legais, tais como o projeto de lei de 12 de novembro de 1836 e a sua conversão no decreto-lei de 15 de novembro do mesmo ano. Na página 43, Rebello apresenta os artigos mais relevantes deste decreto-lei, salientando o artigo 1.º, do qual constam as competências atribuídas a uma Inspeção-Geral dos Teatros e Espetáculos.

Neste livro, Luiz Francisco Rebello prova a sua capacidade de análise da dramaturgia nacional e internacional, recuando até aos primórdios do teatro, desde a influência da *mimesis* aristotélica, passando pelo lema do teatro vicentino *ridendo castigat mores*, e culminando no teatro moderno, com a referência a atrizes como Amélia Rey-Colaço (p. 482). Não deixa, porém, de revelar, implicitamente, uma crítica política pela prática da censura, cujas ações, no seu entender, são «nuvens que [...] vieram ensombrar o horizonte da vida nacional e [...] afectaram profundamente, e de vários modos, a *praxis* teatral, desde a escrita dramaturgical e o trabalho dos actores à produção dos espectáculos e sua recepção» (p. 483).

Torna-se necessário, ainda, realçar a exemplaridade de um trabalho de exaustiva pesquisa e de profundo conhecimento dos textos e dos autores enumerados ao longo da obra, sem descuidar a sua correlação com outros nomes e títulos do teatro universal, e que constituem um verdadeiro espólio para estudiosos, dramaturgos, ou meros interessados pela história do teatro português. Luiz Francisco Rebello não se ficou pela mera sugestão, tendo contribuído, pois, para um enriquecimento cultural dos leitores atentos e curiosos, que apreciem uma escrita fluente aliada a um «saber de experiência feito», onde se vê refletida a imagem do verdadeiro conhecimento. Revela um profundo domínio da arte teatral, deixando perceber que percorre os seus bastidores com gran-

de destreza e versatilidade, e a sua paixão pelo teatro é visível na forma como enumera toda a produção literária e teatral e respetivos autores, concernentes ao período cronológico estudado neste livro.

Luiz Francisco Rebello demonstra que o teatro é uma forma de arte que reflete a realidade da vida e, através das suas representações, o homem encara a sua existência sob a forma de vários espelhos, construindo, gradualmente, uma autognose ou uma especulação interior.

Vilma Silvestre

EPISTOLOGRAFIA

Almeida Garrett CORRESPONDÊNCIA FAMILIAR

Edição de Sérgio Nazar David

Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda / 2012

Em boa hora foi publicado mais um volume (o quarto, depois de *Viagens na Minha Terra*, *O Arco de Sant'Ana* e o tratado *Da Educação*) da edição crítica de Almeida Garrett, coordenada pela especialista maior da sua obra que é Ofélia Paiva Monteiro. Desta feita, o volume diz respeito à *Correspondência Familiar* de Garrett, e a edição cabe ao também especialista garrettiano que é Sérgio Nazar David, professor na Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

Trata-se de um conjunto de 105 cartas de Garrett, quase metade das quais inéditas, compostas por dois grupos, ao irmão Alexandre José e à filha, Maria Adelaide, bem como de cópia de uma carta enviada à mulher, Luisa Midosi, muitos anos depois da sua separação. As cartas para o irmão vão entre 1821 e 1854, com dois períodos de silêncio correspondentes a dois exílios de Garrett. As cartas para a filha foram escritas entre 1853 e 1854, durante

o período em que Maria Adelaide esteve no Convento das Salésias.

O título, *Correspondência Familiar*, desde logo anuncia a forma como ele vai caracterizar um específico modo de conhecimento de Garrett: o seu variavelmente conturbado percurso familiar, entrelaçado de forma inevitável com aquele que foi o seu percurso político, público e privado. Esta questão é uma questão romântica por excelência, que Garrett, como outros românticos maiores por toda a Europa, transpõe com as devidas distâncias para o cerne da sua indagação literária. O grau de *implicação pessoal* em todas as esferas da sua vida afectiva, sentimental, ideológica e política fez de Garrett, também a este nível, um escritor invulgar, e um exemplo maior daquela convicção romântica sobre a impossibilidade de o conhecimento e a emoção poderem ser mutuamente exclusivos.

Assim, as minhas primeiras observações vão para a importância destas cartas para o próprio olhar que podemos ter relativamente à produção literária garrettiana: nelas reconhecemos o discurso, o registo conversacional, os níveis de língua, as formas por que o pensamento vai evoluindo ao longo da carta ela mesma, além de obviamente entre cartas. Muito do que surge nas cartas para o irmão poderia ter saído das *Viagens*; e muito do registo da afectividade garrettiana, que encontramos nas suas obras literárias, encontra nas cartas à sua filha um exemplo maior, e a vários títulos comovente. É pois compreensível a importância deste epistolário para a compreensão da vida pessoal de Garrett e das interferências que dessa personalidade podemos ler na sua obra. Sem cair nas armadilhas da falácia do biografismo (a «falácia patética», como ficou conhecida desde o *New Criticism*), é hoje possível ter uma visão crítica relativamente ao «desencarnar» uma obra literária de uma visão histórica, pessoal e contextual que, se nunca

a «explica», pode entretanto iluminá-la de diversos ângulos. Isto não é um recuo. É um difícil avanço. E difícil porque tem de ser um modo não-ingénuo nem imediato de olhar para a história e a vida *fora da obra* como algo que nela se manifesta também, mesmo se de formas ínvias. Em certos casos, tal informação pode pura e simplesmente não ser relevante. Noutros, porém, como no caso de Garrett, pode ser uma experiência desafiante e até surpreendente: toda a obra de Ofélia Paiva Monteiro o tem consistentemente demonstrado.

Por outro lado, estas cartas são também importantes para a compreensão da vida política e ideológica de Garrett e, visto ter sido ele um dos mais destacados actores da sociedade liberal, para a compreensão do período, conturbado e paradoxal, correspondente à formação da sociedade moderna e dos paradoxos de que continuamos hoje a ser herdeiros.

Assistimos ainda nesta *Correspondência Familiar* ao desenrolar de uma história ideológico-política pessoal de que a obra literária por seu turno dá conta: a passagem de um Garrett polarmente solar, cujo empenho nas causas políticas, sociais e literárias manifesta a profunda convicção nas ideias que defende e nas crenças que abraça; a um Garrett desenganado pelo desconcerto entre ideais e realidade; por aquilo que certamente interpreta como traição aos ideais do verdadeiro liberalismo; pela compreensão de que, mesmo se muito aparentava ter mudado, na realidade muito continuava na mesma. Este percurso de desengano, que encontramos na sua obra, podemos também segui-lo nesta *Correspondência*, em particular quando se dirige ao irmão, de quem o afastavam convicções ideológicas profundas mas com quem, afinal, discutia as suas ideias.

Na realidade, as desavenças políticas entre Alexandre José, miguelista ferrenho, e o seu irmão mais novo, João Baptista,

convicto liberal, têm início logo nos anos 20, e é por isso relevante que possamos acompanhar as cartas que Garrett escreve ao irmão logo desde 1821, que começam por ser de acusações (mútuas, entenda-se) para chegarem, logo em 34, àquilo a que Garrett chamará uma «amnistia provada e familiar», paralela à amnistia política na sequência da vitória dos liberais.

O «apelo ao esclarecimento» (nas palavras de Sérgio Nazar), que Garrett acaba por dirigir por diversas vezes ao irmão, pode ser entendido como pedra de toque do seu constante posicionamento ideológico e literário. As raízes iluministas deste apelo são também as raízes iluministas que Garrett nunca recusou — e que, em boa verdade, os grandes românticos europeus também sempre subscreveram, mesmo se por vezes de forma paradoxal (pense-se no caso maior de Victor Hugo). O carácter decisivo desta matriz na formação e na maturidade de Garrett tem sido muitas vezes sublinhado por Ofélia Paiva Monteiro, mas é curioso ver, por exemplo, o quanto é uma matriz de ilustração sensata (para a época) que ele deseja para a filha, fazendo-a aprender francês e inglês e mesmo chegando a cartear-se com ela em inglês, por ser esta, segundo Garrett, uma língua mais difícil de aprender do que o francês.

Na correspondência com o irmão, três assuntos dominam: questões familiares relativas a pais, parentes, bem como à gestão do património familiar e a partilhas; discussões e mesmo explicações de carácter político; considerandos sobre a defesa da conciliação, também no que à perseguição aos católicos dizia respeito. Sobretudo nas cartas das décadas de 30 e 40, «ouve-se» Almeida Garrett falar sobre a coerência das suas posições, com detalhe e franqueza. Em todas elas sobressaem o profundo grau de tolerância e o apego à liberdade que sempre caracterizaram Garrett, em todas as dimensões da

sua vida pública e privada. E é comovente a forma como sintetiza ao irmão, em carta de 1844, o modo por que ambos atravessaram a vida: «A revolução que tem já vinte e tantos anos entre nós ainda não assentou portanto; o nosso mal foi nascermos no meio dela» (p. 212).

Já no que respeita à filha, Maria Adelaide, Garrett revela-se um pai atento e próximo, prodigando conselhos relativos à educação, ao estudo e ao comportamento, mas também constantemente preocupado com os «mimos» que pode mandar à filha, ofertas de bolos regionais que recebe e lhe envia, pêssegos especiais, peras por ele colhidas no quintal, amêndoas ou torrão de Alicante (vindos da origem) e por assim adiante. Compra e envia-lhe livros, ainda para sua «ilustração». E dirige-se-lhe, sem qualquer reserva no uso de expressões de afecto, que são muitas, variadas e expressas sem recurso a estereótipos.

O presente volume, que estas e outras cartas nos oferece, resulta da pesquisa iniciada em 2008 por Sérgio Nazar, de que já tínhamos tido notícia escrita através de um ensaio publicado no n.º 174 desta revista. O trabalho filológico que o estabelecimento do texto revela é primoroso, e dele se dá ampla conta na importante introdução que Sérgio Nazar assina e nas notas que põe à nossa disposição — comportando elementos decisivos quer para o estabelecimento da lição adoptada quer na datação das cartas. A contribuição do editor crítico vai muito além disto, porém, esclarecendo elementos que permitem ler as cartas contextualmente, no que respeita quer ao restante epistolário garrettiano quer à sua contextualização pessoal e histórica.

A introdução de Sérgio Nazar é por si só um ensaio de grande qualidade. Os elementos e informações que retira das cartas permitem-lhe nomeadamente corrigir dois estereótipos associados a Gar-

rett: o do dândi que usaria a sociedade apenas como palco das suas exibições; e o do Garrett conservador, afinal incapaz de se manter coerente em relação aos princípios por que se tinha batido. A correspondência agora reunida vem efectivamente rectificar estas imagens simplistas, evitando aliás a sobreposição entre elas e figuras ficcionais da produção literária garrettiana. O Garrett que emerge parece-me concentrar-se em alguns conceitos centrais: liberdade e tolerância.

Quanto à apreciação do valor do epistolário familiar de Garrett, e depois de recordar que a separação física da família, dividida entre Lisboa, o Porto e Angra, apenas é colmatada pela troca de cartas, comenta Sérgio Nazar:

Era, portanto, através das cartas que se aproximavam, com as notícias dos nascimentos, casamentos, doenças e mortes. Por cartas eram tratados os inventários, as heranças, o encaminhamento afectivo e profissional dos mais jovens. Mas não era apenas a aspectos mais objectivos da vida que as cartas vinham dar resposta. Escrevendo-as, também cada um pensava o seu tempo e repensava-se a si próprio. A carta trazia um desabafo de momento; e por vezes abria maior espaço à reflexão sobre dramas pungentes que os burgueses, de forma geral, queriam entender, controlar, reprimir ou ultrapassar. Era o meio mais propício à consolação das grandes dores de um mundo construído sobre a renúncia. Ainda assim, muitas coisas não podiam ser escritas, embora — não nos enganemos — nem sempre fossem absolutamente proibidas. Cartas, sobretudo no século XIX, mostram-nos muitas vezes facetas que a vida e a literatura envernizaram. (p. 55)

Sérgio Nazar dá-nos uma edição exemplar desta correspondência, do ponto de vista do estabelecimento da edição, bem

como da forma como ela contribui para a compreensão de Garrett escritor. Desta perspectiva, é de acentuar o modo como este volume responde aos critérios maiores estabelecidos para a edição crítica das obras de Almeida Garrett, em boa hora em curso de publicação pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda. Trata-se de um trabalho de enorme mérito e a meu ver de repercussões ainda imprevisíveis para a nossa história literária e cultural do século XIX.

Helena Carvalho Buescu

[A Autora segue a antiga ortografia.]

ENSAIO

Aurelio Vargas Díaz-Toledo OS LIVROS DE CAVALARIAS PORTUGUESES DOS SÉCULOS XVI-XVIII

Lisboa, Pearlbooks / 2012

O investigador espanhol que se tem dedicado ao assunto que dá título à obra em análise — os livros de cavalarias portuguesas — traz-nos uma visão alargada de um património literário que, no nosso país, pouco se tem valorizado, e se chegou a desvalorizar, colmatando «uma lacuna» (p. 12) que o autor bem identifica.

Na senda de alguns artigos e de uma dissertação de doutoramento sobre a matéria, Aurelio Vargas apresenta-nos, agora, um vasto conjunto de informação incontornável para qualquer curioso, e para todo o estudioso avisado, sobre o género ficcional em apreço.

Assumidamente desigual (do total de páginas, o primeiro quarto dedica-se às obras impressas e os três últimos às obras manuscritas), a divisão interna da obra reflete não apenas o campo de trabalho privilegiado pelo autor, mas ainda